



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL



CAMPUS III - PALMEIRA DOS ÍNDIOS

CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

MAURÍCIO JÚNIOR FRUTUOSO DOS SANTOS

LITERATURA INDÍGENA: O CANTO DO TORÉ COMO REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO JIRIPANKÓ

PARICONHA-AL

2025

MAURÍCIO JÚNIOR FRUTUOSO DOS SANTOS

**LITERATURA INDÍGENA: O CANTO DO TORÉ COMO
REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO
JIRIPANKÓ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL como
critério avaliativo para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nalfran Modesto Benvinda

PARICONHA-AL

2025

MAURÍCIO JÚNIOR FRUTUOSO DOS SANTOS

**LITERATURA INDÍGENA: O CANTO DO TORÉ COMO REPRESENTAÇÃO DA
IDENTIDADE CULTURAL DO POVO JIRIPANKÓ**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA
Aprovado em: 29/03/2025

Documento assinado digitalmente
 **NALFRAN MODESTO BENVINDA**
Data: 21/05/2025 08:06:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Nalfran Modesto Benvinda (Orientador/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **JOEL VIEIRA DA SILVA FILHO**
Data: 22/05/2025 17:34:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Me. Joel Vieira da Silva Filho (1º Avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **JOHN HELIO PORANGABA DE OLIVEIRA**
Data: 22/05/2025 13:13:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira (2º Avaliador)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo reconhecer e identificar nos poemas do Toré elementos que marcam a identidade do povo Jiripankó de Pariconha, através da identificação de elementos próprios de nossa comunidade, sintetizados nos símbolos e crenças de nosso canto. O estudo apresentará os principais elementos da tradição praticada pelo povo, sendo essencial abordar também a cultura e a identidade que simbolizam o povo Jiripankó. Nesse contexto, a pesquisa será orientada pela temática "Literatura Indígena: O canto do toré como representação da identidade cultural do povo Jiripankó". Para a realização do estudo, será utilizado referências bibliográfica e entrevistas semiestruturada, o que garantirá a relevância do trabalho. Ao contar sobre o processo de formação da nossa identidade e os materiais que simbolizam nossa aldeia, isso contribuirá para o fortalecimento da cultura Jiripankó. É importante enfatizar essa temática, pois ela proporcionará informações valiosas sobre as características da nossa cultura. O trabalho terá um grande valor simbólico, destacando os cantos como expressões literárias do alto sertão de Alagoas. Dessa forma, a pesquisa se configura como um objetivo enriquecedor, pois, a partir de análises literárias, buscarei compreender as representações, e os elementos presentes na escrita dos cânticos e a simbologia que eles trazem para nossa cultura.

Palavras chave: Identidade, Cultura, Povo Jiripankó, Literatura indígena, Cânticos do toré.

ABSTRACT

This research aims to recognize and identify elements in the Toré poems that mark the identity of the Jiripankó people of Pariconha, through the identification of elements that are specific to our community, synthesized in the symbols and beliefs of our song. The study will present the main elements of the tradition practiced by the people, and it is essential to also address the culture and identity that symbolize the Jiripankó people. In this context, the research will be guided by the theme "Indigenous Literature: The Toré song as a representation of the cultural identity of the Jiripankó people". To carry out the study, bibliographical references and semi-structured interviews will be used, which will guarantee the relevance of the work. By telling about the process of formation of our identity and the materials that symbolize our village, this will contribute to the strengthening of the Jiripankó culture. It is important to emphasize this theme, as it will provide valuable information about the characteristics of our culture. The work will have great symbolic value, highlighting the songs as literary expressions of the high backlands of Alagoas. In this way, the research is configured as an enriching objective, since, based on literary analyses, I will seek to understand the representations and the elements present in the writing of the songs and the symbolism that they bring to our culture.

Keywords: Identity, Culture, Jiripankó People, Indigenous Literature, Toré Songs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
2 IDENTIDADE E CULTURA, SÍMBOLOS E CRENÇAS	9
2.1 Identidade	9
2.2 Cultura	11
2.2.1 Símbolos	13
2.2.2 Crenças	13
3 CULTURA INDÍGENA	15
3.1 Os Indígenas do Semiárido	17
3.2 Identidade Cultural	19
4 HISTÓRIA DO POVO JIRIPANKÓ	22
4.1 Geografia	25
4.2 Costumes	28
4.3 Conceito de Literatura Indígena	31
5 FUNDAMENTOS E PERCURSO METODOLÓGICO	34
Análise Literária e Poemas	34
5.1 OS CANTOS DO TORÉ DA ETNIA JIRIPANCÓ DE PARICONHA - AL	34
5.1.1 Cântico 1	39
5.1.2 A estrutura	39
5.1.3 Os símbolos do canto	40
5.2. As crenças	42
5.2.1 Cântico 2	42
5.2.2 Estrutura	42

5.2.3 Símbolos	43
5.3 Crenças	45
5.3.1 Cântico 3	45
5.3.2 Estrutura	46
5.3.3 Símbolos	42
6 Crenças	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz a temática Literatura indígena: O canto do Toré como representação da identidade cultural do povo Jiripankó. Ela abordará elementos que estão presentes em nossa comunidade, tais como: a) o canto do Toré como elemento sagrado aprendido pelo nosso povo; b) o canto do Toré como identidade e cultura que vêm se fortalecendo a cada dia. A pesquisa terá um valor simbólico e literário, uma vez que ao adentrar nesse contexto do Toré, cantado, faremos análises dos símbolos e crenças de nossa etnia que estão presentes na letra dos poemas do toré.

A pesquisa terá como fundamento o registro desses símbolos e crenças, que caracterizam a Aldeia Jiripankó, a partir dos textos dos cantos do Toré. Com efeito, a construção textual destes poemas permite-nos estabelecer uma investigação sob a perspectiva das Ciências da Linguagem, área de nossa formação acadêmica. Essa pesquisa será importante para as futuras gerações que poderão ter como referência este trabalho construído ao final deste curso de Licenciatura Intercultural Indígena - CLIND.

Neste sentido, esta pesquisa pretende responder às seguintes perguntas: Como se estruturam os poemas do canto do Toré, cantados na comunidade Jiripankó de Pariconha - AL? Quais os elementos simbólicos e de crença presentes nestes cantos? Nossa expectativa é a de que seja possível reconhecer elementos peculiares que marcam a identidade do Povo Jiripankó, do qual fazemos parte. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é: Reconhecer e identificar nos poemas do Toré elementos que marcam a identidade do povo Jiripankó de Pariconha, através da identificação de elementos próprios de nossa comunidade, sintetizados nos símbolos e crenças de nosso canto.

Como tarefas específicas, iremos a) catalogar alguns Torés, cantados pelo povo Jiripankó; b) realizar análises literárias sobre os cantos; c) identificar os símbolos e elementos de crenças presentes nos poemas.

Parte-se da hipótese de que os cantos do toré podem ser identificados como símbolos e expressões das crenças do povo Jiripankó. Esses cânticos são elementos sagrados que manifestam a religiosidade e os aspectos culturais da comunidade, servindo também como uma forma de iniciação didática dos mais jovens à cultura

Jiripankó. Preservar os cânticos do toré é essencial, pois eles são um saber sagrado transmitido de geração em geração, desempenhando um papel de extrema relevância para a comunidade. É por meio do convívio e dos ensinamentos que surgem novos cantadores, garantindo a continuidade dessa tradição. Além disso, é importante destacar a influência dos torés no processo de aprendizagem das crianças, reforçando sua conexão com a cultura e identidade do povo.

A metodologia adotada para a construção deste trabalho seguirá uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica, analisando referências acadêmica relacionado à temática, buscando autores que embasem teoricamente o estudo. Isso permitirá compreender de forma aprofundada o canto do toré e sua relação com a identidade cultural do povo Jiripankó.

Como parte da abordagem qualitativa, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com lideranças da comunidade, visando a coleta de informações detalhadas e essenciais sobre o canto do toré na construção da identidade cultural. Para isso, serão elaboradas perguntas direcionadas aos entrevistados sobre os cânticos que fazem parte da identidade do povo Jiripankó, a fim de obter dados precisos e relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Selecionar membros da comunidade, especialmente lideranças que possuam conhecimento e tempo de vivência suficiente sobre o tema abordado, garantindo a obtenção de perspectivas consistentes para a pesquisa. Essa etapa da entrevista contará também com o auxílio de dispositivo de gravação, o uso de equipamentos adequados, como celulares, é essencial para assegurar a preservação e a fidelidade das informações, garantindo que os dados sejam captados com clareza. Além disso, é fundamental obter a permissão dos entrevistados para a realização das entrevistas, o material obtido será indispensável para o aprofundamento do estudo.

2 IDENTIDADE E CULTURA, SÍMBOLOS E CRENÇAS

2.1 Identidade

O termo "identidade" tem origem no latim *identitas* e refere-se ao conjunto de características que definem uma pessoa. No contexto histórico e social, a identidade representa o reconhecimento de cada indivíduo dentro da sociedade. É importante destacar que cada pessoa possui qualidades distintas em comparação com outras. Vivemos em um mundo marcado pela miscigenação, ou seja, pela mistura de diferentes culturas e origens étnicas. A identidade está relacionada a diversos aspectos, como gênero, etnia e local de residência. Além disso, é fundamental ressaltar que essa reconstrução não se limita a um único fator, mas engloba uma composição de práticas e características individuais de cada pessoa.

De acordo com Faria e Souza (2011):

Identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas (Faria; Souza, 2011, p. 37).

A identidade de uma comunidade faz parte de um processo produtivo, é uma construção. Isso quer dizer que esse elemento cultural nem sempre existiu e, eventualmente, pode deixar de existir. Em sendo assim, precária, a questão da identidade também traz um outro desafio: o de manutenção das identidades coletivas. Neste sentido, a manutenção dos símbolos, práticas culturais, crenças passa por um processo de aprendizado e de formas de manutenção da cultura aprendida.

Os elementos presentes em nossa aldeia Jiripankó, como o cachimbo, o maracá, gaita, os saberes tradicionais, as histórias orais, língua e o território são fundamentais para a construção de nossa identidade. Esses objetos representam símbolos materiais da nossa herança cultural e, por meio deles, fortalecemos nossa cultura e mantemos vivas nossas tradições.

Além disso, é importante ressaltar que esse senso de pertencimento também está ligado a grupos específicos, ou seja, a outras comunidades. O processo migratório é uma realidade comum em todo o mundo, pois muitas pessoas deixam suas localidades em busca de melhores condições de vida, especialmente quando a situação da comunidade de origem se torna precária.

Freitas Junior e Perucelli (2019), argumentam que:

Na perspectiva do senso comum, quando reporta-se para o conceito de identidade, volta-se para características próprias de determinado indivíduo, diferenciando-o de outro indivíduo. Já segundo Bauman (2005), a identidade nasceu da crise do pertencimento, no qual o Estado buscava a obediência de seus indivíduos, bem como esses indivíduos, uma nação propriamente dita, sem este Estado destinava-se a ser insegura a respeito de seu passado, incerta do presente e principalmente seu futuro seria cheio de dúvidas. Para o mesmo autor, a identidade nacional passa a ser imposta, e quem governa decide a nacionalidade, e também um destino compartilhado por uma nação, mas que permanece incompleta, devido ao poder de exclusão, e da distinção do traçar, impor e policiar a fronteira entre o “nós” e “eles”(Freitas Junior; Perucelli, 2019, p.7).

Diante das reflexões de Freitas Junior e Perucelli (2019) sobre o termo identidade, e considerando nossas próprias ponderações, compreendemos que, segundo os autores, a identidade, apesar de ser um conceito amplo, está ligada às características que diferenciam um indivíduo do outro. Eles citam Bauman (2005), que apresenta uma interpretação distinta sobre o tema. Para Bauman, a identidade surge da crise do pertencimento, um conceito forte e profundamente enraizado nas sociedades.

Ele aponta que o Estado, ao buscar a obediência de seus indivíduos, exerce um papel fundamental na manutenção da ordem social. Sem esse poder estatal, seria difícil estabelecer o respeito dentro da sociedade. Bauman também menciona o governo como a instituição responsável por definir a nacionalidade de um país. Além disso, ele ressalta que a nação permanece incompleta devido aos altos índices de exclusão presentes em determinadas sociedades, o que gera impactos significativos.

Nesse contexto, percebemos a existência de uma barreira que separa grupos sociais, classificando um deles como "nós", ao qual pertencemos, e o outro como

"eles", um grupo externo. Essa separação resulta na criação de estereótipos e na fragmentação da sociedade em diferentes grupos.

Como apontam Freitas Junior e Perucelli (2019), a identidade não é um conceito essencialista, tampouco representa um núcleo fixo e imutável. Ao contrário, ela está sujeita a uma historicização radical, o que significa que passa por constantes transformações ao longo do tempo. É importante afirmarmos que a identidade está diretamente relacionada ao contexto histórico e social em que estamos inseridos. A "historicização radical" mencionada pelos autores indica que essas mudanças ocorrem de forma contínua, moldadas pelas experiências vividas ao longo da história.

2.2 Cultura

Para Santos (2006), cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes. A cultura pode ser entendida como uma ação do presente que transcende as visões de futuro. É evidente que habitamos um espaço que nos merece, considerando a definição proposta por ele. Contudo, é alarmante a dificuldade em se aprofundar no entendimento da cultura, visto que ela é extremamente vasta e nunca conseguimos chegar a uma definição clara.

Santos (2006), afirma que:

Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a grande variação delas. Saber em que medida as culturas variam e quais as razões da variedade das culturas humanas são questões que provocam muita discussão. Por enquanto quero salientar que é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem. De fato, a preocupação em entender isso é uma importante conquista contemporânea (Santos, 2006, p. 8).

A cultura faz parte de um processo que abrange toda a humanidade, estando presente em todos os povos, grupos e nações. Por isso, percebemos o quanto ela nos influencia nas mais diversas formas de viver, pensar e se expressar. As manifestações culturais variam significativamente entre diferentes contextos, social, histórico, simbólico e espiritual, o que frequentemente gera discussões sobre as razões dessa diversidade. Nesse sentido, é fundamental que busquemos compreender os

significados que uma determinada realidade cultural tem para aqueles que a vivem. Como destaca Santos (2006), essa preocupação representa uma importante conquista do pensamento contemporâneo, ao reconhecer o valor e a legitimidade das diferentes formas de existência cultural.

Além disso, vale ressaltarmos que os hábitos, crenças e conhecimentos de uma comunidade estão intimamente ligados às suas tradições, compondo aquilo que compreendemos como cultura. Embora este conceito abranja diversos aspectos sociais, podemos afirmar que existem múltiplas definições para ela, cuja interpretação pode variar conforme o contexto. Esse rico conjunto de saberes e valores desempenha um papel crucial no fortalecimento tanto da identidade coletiva quanto da própria comunidade.

Ao falarmos sobre as tradições de nosso povo e de nossa comunidade, reconhecemos seu peso simbólico e significativo, especialmente para nós, povos indígenas. As crenças, as danças do toré e as festividades são partes essenciais desse legado, ou seja, uma herança cultural transmitida de geração em geração, sendo elementos culturais fundamentais em nosso cotidiano. Assim como aponta Santos (2006), é sempre essencial compreendermos os sentidos que essas expressões culturais têm para aqueles que as vivem, pois é nesse entendimento que reside uma das grandes conquistas do pensamento contemporâneo.

Na perspectiva de Coelho e Mesquita (2012, p. 4), pode-se explicar que:

A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. Esse processo é mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes.

Conforme destacam Coelho e Mesquita (2012), a cultura é um processo contínuo, pois adquirimos experiências e conhecimentos ao longo dos anos. Esse processo é mediado pela língua, que permite sua transmissão entre gerações. É importante ressaltar que todos desempenhamos um papel fundamental na construção tanto cultural quanto identitária de nosso povo, atuando como disseminadores e

criadores. Assim, construímos nossa cultura a partir das perspectivas e vivências do dia a dia. Então, a cultura é, portanto, acumulativa, pois acumula conhecimentos e experiências ao longo das gerações, e é também produção, construção de conhecimentos (Coelho, Mesquita, 2012, p. 5).

2.2.1 Símbolos

Os símbolos têm grande importância para o povo Jiripankó, pois fazem parte de uma cultura rica em elementos significativos. Há uma grande diversidade de símbolos presentes em nossa comunidade, cada um com um significado próprio, sendo tratados como sagrados e simbólicos. Esses elementos fortalecem a nossa identidade cultural, permitindo que preservemos e valorizemos os bens materiais e imateriais que representam a essência de nosso povo.

Dessa forma, podemos afirmar que os símbolos são fundamentais para nós, Jiripankó. Entre os mais representativos estão os adornos, cocares, flechas e arcos, além dos elementos naturais, como pássaros, rios, animais e outros aspectos que integram nossa cultura indígena Jiripankó. As pinturas corporais, feitas com materiais tradicionais como o “toá” o barro branco que é utilizado por nós, povos indígenas do sertão, durante festividades e rituais, também têm um papel importante, representando a estética e a espiritualidade de nossa comunidade.

Os símbolos também estão presentes nos rituais e danças do toré, como o maracá, que emite um som semelhante ao de um chocalho e é utilizado nas cerimônias. Cada um desses elementos carrega um profundo significado cultural, sendo essenciais para a sustentação e o fortalecimento de nossa identidade. Quanto mais símbolos preservarmos em nossa cultura, mais fortalecida ela será.

2.2.2 Crenças

Segundo Silva (2003), as crenças, assim como os saberes, as ideologias, os valores e os preconceitos, são uma construção social e individual. O sujeito age e pensa, pensa e age através daquilo em que acredita.

Conforme Gueiros (2017), ao abordar a questão das crenças do povo Jiripankó, o autor relata que:

Os Jiripankó e outros povos indígenas do sertão, originários do tronco velho Pankararu, possuem suas crenças em diversos seres divinos. Alguns desses seres são conhecidos, no cotidiano dessas sociedades, como Encantados ou forças encantadas (Gueiros, 2017, p. 27).

Como explica o processo histórico, os Jiripankó, assim como outros povos, têm origem no antigo tronco Pankararu, conforme afirmado por estudiosos. As crenças de nosso povo se manifestam por meio das forças encantadas, ou seja, através dos encantados. Esses seres, pessoas divinas que já partiram deste mundo, estão presentes em nossas cerimônias e rituais, atuando como protetores espirituais. São elementos que, mesmo tendo existido em sua forma física, transcenderam e se tornaram guardiões divinos do nosso povo.

Diante disso, é importante destacarmos que as crenças desempenham um papel significativo e determinante para o fortalecimento da identidade dentro de uma comunidade indígena. Como mencionado, as forças espirituais, conhecidas como forças encantadas ou encantados, São espíritos divinos, ou seja, pessoas ancestrais que já faleceram e que hoje atuam como protetores de nosso povo. Além dessas forças, outros elementos também são reconhecidos como parte de nossas crenças e estão presentes em momentos importantes, como os rituais de iniciação, que representam uma passagem de fase.

Outros aspectos marcantes incluem a mitologia e os contos indígenas, transmitidos oralmente pelos mais velhos da comunidade e profundamente ligados à nossa cultura. As plantas medicinais também têm um papel central, sendo amplamente utilizadas para a cura—um elemento essencial entre os indígenas do sertão.

Além disso, a pajelança¹, conduzida pelo pajé, é um dos pilares de nossa comunidade. O pajé, como principal líder e curandeiro, orienta o povo sobre questões de saúde e cura, desempenhando um papel crucial em nossa organização social e espiritual, que se baseia na sabedoria tradicional e na coesão comunitária. É por meio dele que os processos de guiamento e as celebrações sagradas são realizados, fortalecendo ainda mais os laços culturais e espirituais do nosso povo.

¹O termo pajelança refere-se às práticas religiosas conduzidas pelos curandeiros, ou seja, os pajés, por meio das plantas medicinais e de seus saberes.

3 CULTURA INDÍGENA

É fundamental destacar a abrangência das culturas indígenas, considerando que se trata de diversos povos espalhados por todo o sertão. Essas culturas revelam uma rica diversidade, refletida nas práticas e costumes desenvolvidos por cada um. Podemos também enfatizar como cada povo realiza seus rituais, pois sabemos que cada povo possui sua própria metodologia, diferenciando-se dos demais.

Ao falarmos sobre cultura, estamos contextualizando e trazendo à tona informações sobre os povos aos quais pertencemos, abrangendo não apenas nossa própria etnia, mas também outras que compõem o processo histórico. Essa ancestralidade, moldada pelos saberes tradicionais, pela espiritualidade e pela conexão com os ancestrais, transmitida de geração em geração, é mantida viva por meio de hábitos e costumes que devem sempre ser preservados, para que nossa cultura se fortaleça continuamente.

A maioria dos povos indígenas depende da agricultura, pois é dela que provém o sustento. Entre os principais cultivos, destaca-se a mandioca, utilizada na produção da farinha, além da colheita de feijão, milho e outros alimentos essenciais. Podemos destacar que a cultura indígena é rica tanto em bens materiais quanto imateriais. Esses elementos, como artesanatos, instrumentos musicais, rituais e cerimônias presentes na cultura, reforçam o comprometimento dos povos indígenas com suas responsabilidades, preservando práticas, hábitos e costumes para mantê-los vivos. Grande parte dessa riqueza cultural é fruto de conquistas obtidas ao longo de uma luta árdua, que garantiu a legalização de seus direitos e a demarcação de áreas para suas comunidades.

Vale destacar a produção de vestimentas utilizadas nos rituais, confeccionadas a partir do caroá², um tipo de planta encontrado em áreas próximas às comunidades. O caroá é colhido, colocado para secar e, após o processo de secagem, transformado em peças de vestuário utilizadas nas festividades. Cada cultura indígena, independentemente do povo a qual pertence, possui sua própria maneira de realizar os rituais, evidenciando a diversidade e a riqueza de suas tradições. Essa diversidade

² Caroá é uma planta de onde é retirada a fibra para fazer as vestes utilizadas nos rituais.

cultural evidencia a imensidão das culturas indígenas e sua profunda conexão com os elementos naturais."

Grünewald (2008), afirma que:

Em geral, além do Toré e da Jurema, outros elementos de cultura elencados como referência aos índios do Nordeste são os rituais do Ouricuri, Praiá, Torém, Auê e, recentemente, Porancim. Todos esses elementos, quer pensados através da ótica aculturativa ou etnogenética, acabam por referenciar em muito os aspectos da mudança cultural, negativa e depois positivamente. Negativa porque a mistura era pensada como resultado da perda de pureza ancestral e legitimamente indígena. Positiva porque, com a virada na perspectiva etnológica gerativista, os elementos mestiços ou híbridos resultam de uma apreensão da complexidade cultural que se apresenta, não só pelos fluxos de cultura considerados, mas pela própria dinâmica constitutiva das culturas em exame – o que não quer dizer que a cultura seja vista apenas pelo seu aspecto contrastivo e utilitarista, pois se pode destacar uma riqueza de aspectos simbólicos, estruturais, valorativos etc que são atualizados conjunturalmente por um conjunto de atores que fazem a sua cultura (Grünewald, 2008, p. 24).

Em relação às ideias propostas pelo autor, ele realiza uma contextualização ampla, destacando aspectos significativos da cultura indígena, especialmente no Nordeste. Ele ressalta a importância dos elementos naturais, considerados sagrados, ao mostrar como esses componentes estruturam o mundo espiritual e as crenças dos povos indígenas do sertão e de outras regiões. Assim, é possível compreender os valores, princípios, riquezas e símbolos que compõem essa cultura, conduzida pelo próprio povo, o que a torna um conjunto singular de significados e tradições.

Os símbolos presentes na cultura indígena, como as pinturas corporais, os rituais, as festas tradicionais e o maracá, objeto sagrado, contribuem para torná-la ainda mais valiosa. Podemos observar a riqueza das produções realizadas pelos povos indígenas e a forte ancestralidade que carregam ao longo do tempo, o que reforça e fortalece essa cultura. Por meio do trabalho, da dedicação e da espiritualidade que sustenta suas crenças, essa herança cultural se destaca. Assim, é possível afirmar que a cultura indígena engloba não apenas saberes e conhecimentos, mas também faz parte de um processo de resgate de memórias essenciais para sua preservação e valorização.

3.1 OS INDÍGENAS DO CLIMA SEMIÁRIDO

Ao falarmos sobre os indígenas do sertão nordestino em comparação com os da Amazônia, percebemos diferenças marcantes nas vivências de cada grupo. Os povos da Amazônia, situados na região Norte, vivem predominantemente em um clima equatorial, que é caracterizado por altas temperaturas ao longo de todo o ano e uma elevada umidade relativa do ar. Nessa região, as chuvas são abundantes e bem distribuídas, principalmente entre os meses de dezembro e maio, o que torna o ambiente extremamente favorável para a vida e o cultivo. Amazonas, por exemplo, não sofre com secas e estiagens severas, o que influencia diretamente o modo de vida dos indígenas, facilitando o acesso a recursos naturais como água, alimentos e vegetação diversificada.

Por outro lado, no Nordeste, a realidade é bem distinta. O clima semiárido predomina em grande parte da região, caracterizado por altas temperaturas, baixa umidade e longos períodos de estiagem, com chuvas escassas e mal distribuídas ao longo do ano. Essa condição climática exige dos povos indígenas nordestinos uma maior adaptação para sobreviver em ambientes mais secos e com escassez de recursos hídricos.

Ao compararmos as regiões Nordeste e Norte, fica evidente que não apenas os climas, mas também aspectos culturais, como práticas religiosas, são completamente distintos entre si. Os povos indígenas da Amazônia, por viverem próximos às margens dos rios, beneficiam-se de um ambiente com altos índices pluviométricos, vegetação densa e solos mais férteis. Assim como no Nordeste, eles também dependem da agricultura para sua subsistência. Na Amazônia, cultivam diversos tipos de vegetais, além de plantas medicinais utilizadas tanto no tratamento de enfermidades quanto na confecção de vestimentas.

Já no sertão nordestino, os povos enfrentam um clima extremamente quente e árido, dependendo intensamente das chuvas esparsas para irrigar a terra e possibilitar o cultivo de vegetais, garantindo assim sua alimentação. Essas diferenças tornam evidente que as culturas indígenas da Amazônia e do Nordeste, embora compartilhem semelhanças em aspectos como a agricultura e o uso dos recursos naturais, são

marcadamente distintas devido às características climáticas e ambientais específicas de cada região.

Silva (2017), afirma que:

Em geral, imagens e discursos sobre os índios no Brasil evidenciam os indígenas² na Amazônia ou no Xingu como “puros”, autênticos e “verdadeiros” em oposição aos habitantes em outras regiões do país, principalmente nas mais antigas da colonização portuguesa, a exemplo do Nordeste, baseiam-se em uma ideia equivocada de culturas supostamente melhores, superiores ou inferiores. O que muitas das vezes aprendemos sobre os índios na nossa formação escolar, está associado basicamente às imagens do que é também na maioria dos casos veiculado pela mídia: o índio genérico, ou seja, um indivíduo sem nenhum vínculo com um povo indígena concreto (Silva, 2017, p. 1-2).

Com base no que afirma Silva (2017), é feita uma comparação entre os povos indígenas do Brasil, com destaque para os que habitam a Amazônia e o Xingu. O autor os classifica como verdadeiros e autênticos, em contraste com os indígenas de outras regiões do país. Ele menciona, por exemplo, o Nordeste como uma região onde certas culturas são percebidas como superiores em determinados aspectos. Além disso, Silva (2017) também aborda o biotipo desses povos, destacando características como os cabelos lisos, as pinturas corporais e outros traços culturais distintivos.

O texto de Silva (2017) ressalta a relação entre os indígenas do Nordeste e do estado do Amazonas, contextualizando símbolos e elementos que diferenciam esses grupos. O autor reflete ainda sobre as divergências culturais entre os povos indígenas, questionando a ideia de uma “generalização” do índio, muitas vezes representado de forma estereotipada com cabelos lisos, cacheados ou crespos, olhos escuros ou claros e variadas tonalidades de pele. Esses aspectos costumam ser associados a um grupo caracterizado pelo uso de adornos de penas, pinturas corporais e outros elementos simbólicos.

Ampliando essa reflexão, Silva (2017) enfatiza os princípios de uma cultura rica em simbologia, moldada pelas lutas e bravura de seus líderes. Assim, ele apresenta uma visão abrangente sobre as diferenças e semelhanças entre os povos indígenas do Brasil, valorizando suas singularidades e suas contribuições para a construção da identidade cultural.

3.2 IDENTIDADE CULTURAL

Podemos definir identidade cultural como um conjunto de elementos simbólicos, sociais e históricos que moldam e expressam a cultura de um povo. Esses elementos, como língua, costumes, crenças, rituais, modos de organização, expressões artísticas e valores compartilhados promovem o reconhecimento mútuo entre os membros de uma comunidade. No caso dos povos indígenas, tais características reforçam o sentimento de pertencimento e tornam os indivíduos participantes ativos de sua coletividade.

As características culturais e identitárias estão diretamente ligadas às experiências cotidianas, às memórias coletivas e à relação com o território. Elas não apenas definem a singularidade de cada povo, como também fortalecem os laços internos, promovendo união, coesão social e resistência cultural. Esse papel agregador é essencial para manter vivas as tradições e para sustentar as relações entre os diversos povos indígenas do Brasil.

Destacam-se, nesse contexto, as produções culturais desenvolvidas por esses povos, como os artesanatos, as vestimentas tradicionais, práticas religiosas, instrumentos musicais como o maracá, as flautas e o campião, além de manifestações expressivas como a dança do toré. Todas essas expressões não apenas enriquecem a identidade, como também funcionam como formas de transmissão de conhecimento e fortalecimento da cultura ancestral.

O pertencimento étnico, por sua vez, é um fator essencial na preservação cultural. As práticas cotidianas conduzidas pelos povos indígenas desempenham um papel central nesse processo, pois os ensinamentos repassados pelos anciãos às novas gerações carregam saberes profundos e enraizados na história de cada etnia. Esses conhecimentos, muitas vezes transmitidos oralmente, têm como objetivo fortalecer as tradições, garantir sua continuidade e afirmar a identidade cultural indígena diante dos desafios contemporâneos.

Hall (2006, p. 12), explica que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural".

Com base nas ideias apresentadas por Hall (2006) sobre identidade cultural, podemos afirmar que, segundo o autor, as identidades exercem um papel fundamental e simbólico para nós enquanto povos indígenas. Por meio de nossa cultura, descobrimos o verdadeiro valor e os significados que ela carrega. O espaço que ocupamos é a fonte de nossa força para enfrentar e superar obstáculos. Somos, portanto, frutos de raízes ancestrais, que nos fornecem o conhecimento necessário para lidar com as diversas situações que nos desafiam. É importante destacar também o ponto de vista do autor ao tratar da identidade na concepção sociológica. Hall (2006) descreve a identidade como um elemento que conecta o "interior" ao "exterior", ou seja, o mundo público ao nosso "eu real". O "interior" refere-se à nossa essência individual, enquanto o "exterior" está relacionado às identidades que compartilhamos no mundo social ao qual pertencemos.

Miranda (2000) destaca que:

As concepções de identidade cultural vêm transformando-se ao longo do processo civilizatório. Desde aquele sujeito do Iluminismo como totalmente unificado desde seu nascimento, dotado das capacidades de razão, consciência e ação, passando pela ideia mais recente do "sujeito sociológico" que se forma nas relações com outras pessoas que mediam seus valores, sentidos e símbolos expressos em uma cultura (Miranda, 2000, p. 5).

De acordo com Miranda (2000), a identidade cultural tem se transformado ao longo do processo civilizatório, refletindo mudanças políticas, sociais e econômicas que estruturam a sociedade. O autor também apresenta o sujeito do iluminismo como um indivíduo dotado de razão, consciência e ação. Além disso, ele discute a concepção do sujeito sociológico, cuja identidade se forma por meio das relações entre as pessoas, construindo valores e símbolos que se expressam dentro de uma cultura e identidade.

Ao refletirmos sobre a identidade cultural, percebemos o quanto ela está presente em nosso cotidiano, manifestando-se em diversos aspectos, como nas festividades religiosas e crenças, na forma de se vestir durante os rituais, entre outros elementos. Conforme explica Miranda (2000), essa identidade é uma construção social que envolve diversos valores, costumes e crenças. Nesse processo, a língua desempenha um papel fundamental, pois é o principal meio de expressão oral nas interações diárias. A oralidade, portanto, torna-se um elemento essencial na formação e transmissão da identidade cultural.

Embora façamos parte dessa construção, é importante reconhecer que somos nós que a produzimos continuamente. A identidade cultural constitui, historicamente, uma forma pela qual nos reconhecemos como grupo e como indivíduos. Ela abrange elementos como memória, pertencimento, história e relações sociais, entre outros, o que a torna um conceito amplo e dinâmico.

4 HISTÓRIA DO POVO JIRIPANKÓ

A seguir, abordaremos a história do povo Jiripankó, com foco em seu processo de formação ao longo dos anos, com base nas informações de Santos (2015). O autor descreve detalhadamente como se deu a trajetória de luta que resultou na criação da Aldeia Jiripankó, situada no sertão de Alagoas, no município de Pariconha.

Santos (2015) afirma que:

O povo Jiripancó formou-se a partir de famílias Pankararu que chegaram a região correspondente ao Município de Pariconha, alto sertão alagoano, no final do século XIX. Os primeiros índios foram José Antônio do Nascimento (Zé Carapina) e sua esposa, Izabel. Estes saíram fugidos do aldeamento Brejo dos Padres – Tacaratú – Pernambuco, onde viviam numa missão religiosa sob os “cuidados” dos frades Oratorianos/Capuchinhos da Congregação de São Felipe Nerí, em 1883 (Santos, 2015, p. 14).

Foi a partir de famílias Pankararu que se formou o povo Jiripankó. Essas famílias vieram de sua terra de origem e se estabeleceram no sertão de Alagoas. Como mencionado, pessoas como Zé Carapina e sua esposa Isabel desempenharam um papel fundamental nesse processo. Por meio deles, o povo Jiripankó foi se formando, e podemos afirmar que sua chegada foi determinante para a constituição da identidade deste povo. Ainda dando continuidade à história, Santos (2015, p. 14) afirma:

Segundo relatos da comunidade, Zé Carapina e Izabel se refugiaram primeiro uma fazenda que ficava na Caatinga a norte da comunidade atual, depois migraram para os pés das serra do Pajeú e do Simão próximo a uma fonte de água salobra usada para dar de beber aos animais dos fazendeiros, onde mais tarde trabalharam como cuidadores de animais em troca de abrigo e de um local para plantar o básico para sobreviver.

Podemos analisar que a trajetória de Zé Carapina e sua esposa Isabel, ao se refugiarem, envolveu a permanência em diversos locais, conforme mencionado, até chegarem ao povoado Ouricuri. Durante esse percurso, migraram para esses locais e passaram um bom tempo cuidando de animais em uma fazenda.

Segundo Santos (2015):

Em vista da dificuldade, fez uma taperinha (casa de taipa) perto da fonte do ouricuri, onde a Izabel tinha plantado uma rocinha ao redor do rancho. Em uma ocasião, o fazendeiro que lhes havia dado guarida passou e viu a roça bem próspera e lhes pediu que colhessem o que fosse possível, pois ia colocar os animais no restante. Contam alguns índios que um amigo do fazendeiro achou por bem consultar o Barão de Água Branca sobre o assunto. Na verdade, queriam que o Barão os amparasse na expulsão definitiva do Carapina, ao invés disso, o Barão ao tomar conhecimento, se opôs **(sic)** a conduta do fazendeiro e preferiu completar a quantia que José Carapina conseguiu com a venda de seus animais e da partilha de seu trabalho. Com isso conseguiu comprar a terra e registrá-la, isso em 15 de novembro de 1894, conforme certidão do Cartório de Imóveis de Água Branca – Alagoas (Santos, 2015, p. 14).

Podemos perceber que a vida de Zé Carapina e sua esposa Isabel não foi fácil. Eles enfrentaram momentos difíceis, morando em uma casa de taipa próxima a uma fonte de mineração, conhecida como Fonte do Ouricuri, nome dado devido à grande quantidade de ouricurizeiros ao seu redor. Viviam da agricultura e do cuidado com os animais. Zé Carapina trabalhou arduamente para completar a quantia necessária para a compra da terra. Diante disso, percebemos, conforme relata a história, que foi preciso recorrer ao Barão de Água Branca. Isso ocorreu porque um amigo do fazendeiro tentou influenciar o Barão para que não afastasse Zé Carapina. No entanto, o Barão tomou a decisão de apoiar Carapina, completando a quantia que ele havia conseguido com a venda de seus animais e com o fruto de seu trabalho. Com esse valor reunido, foi possível efetuar a compra do território e registrá-lo em cartório, como consta nos relatos históricos.

De acordo com Santos (2015):

Com essa compra foi possível dar corpo material a etnia Jiripancó, após 4 (quatro) anos já estavam instalados, porém não havia mudado nada da condição inicial de sua chegada. A compra era simbólica e para ter valia, era preciso ocupar o território; foi quando começaram a chegar outros parentes que na ocasião da fuga de Carapina e Izabel tinham ficado. Vieram: Chico Peba e sua esposa, Vicente Gabão, Cristove Véio {sic} e suas famílias, depois chegou a família Caipira, daí começava a formação do povo que de início não tinha uma intenção formada de criar uma aldeia, era pelo parentesco e o velho costume de viverem sempre nos mesmos lugares. Dos filhos de José Carapina e Izabel, descendem as famílias Gomes, Quintino, Alexandre e Miranda, esses são os herdeiros que dividiram a terra entre si, após

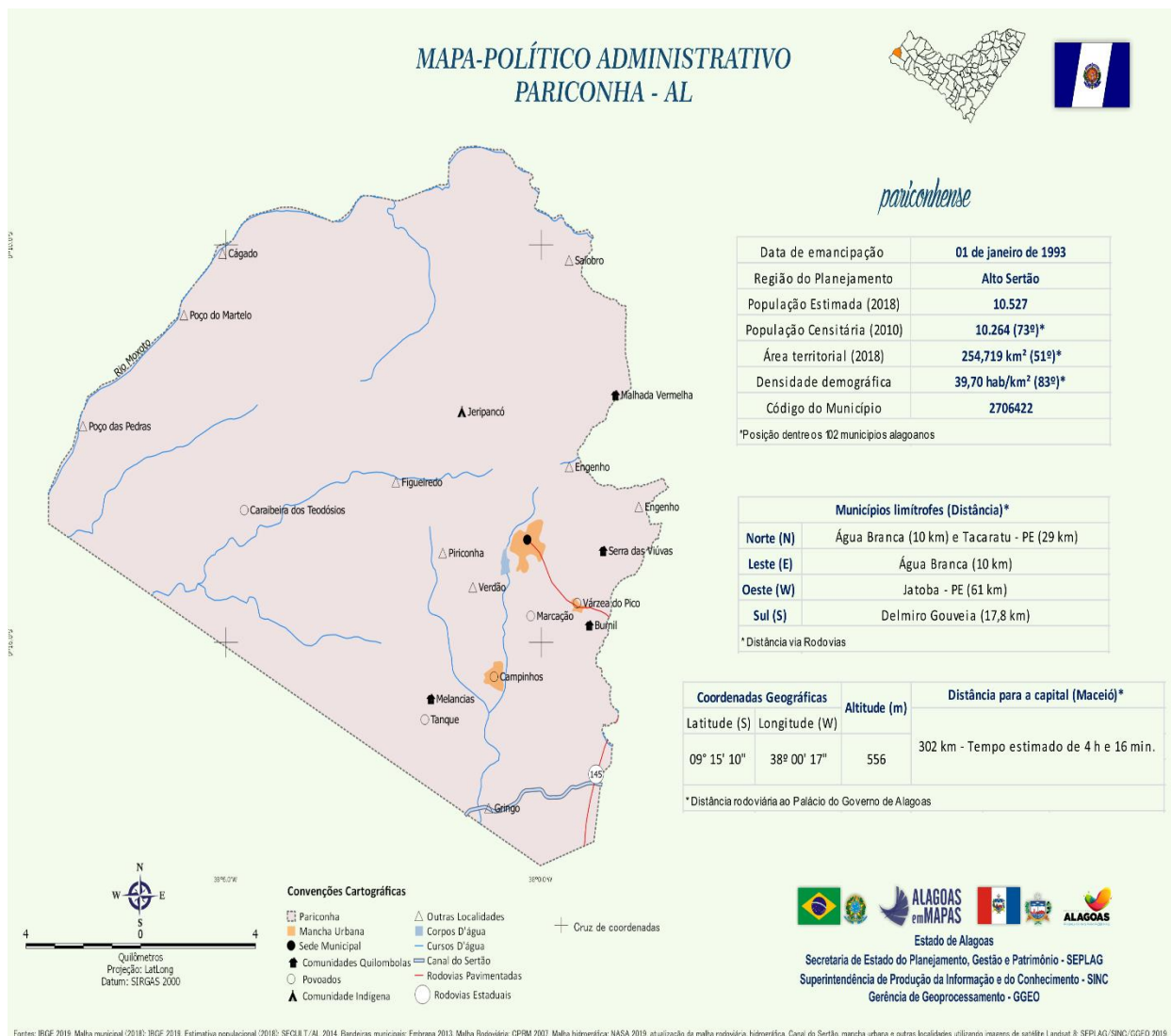
a morte de José Carapina, mas não retiraram as famílias que foram convidadas por eles. (SANTOS, 2015 p. 15).

Com a compra das terras, Jiripankó começou a se tornar um núcleo habitacional. A chegada de Zé Carapina e sua esposa Isabel foi fundamental para essa conquista, permitindo que outras famílias também viessem se estabelecer na região. Com o tempo, o povoado cresceu e se consolidou como um espaço habitado por diversas famílias. Após a morte de Zé Carapina e Isabel, as famílias que chegaram a seu pedido permaneceram no território, cuidando dele e dando continuidade à história local.

É importante destacar que o povo Jiripankó é profundamente grato por tudo que ele realizou, especialmente pela formação da aldeia Jiripankó. Com a chegada de Zé Carapina e Izabel ao sertão de Alagoas, outras famílias também começaram a se estabelecer, dando origem à comunidade que conhecemos hoje.

Ao longo do tempo, o povo Jiripankó foi crescendo, e hoje contamos com várias famílias e uma população numerosa com mais de 3 mil habitantes. Após o surgimento do povo Jiripankó no sertão alagoano, outras etnias começaram a se consolidar, como os povos Katokin, Karuazu, Kalankó, Koiupanká, entre outros. Esse processo teve início com a chegada de grupos vindos do Brejo dos Padres e foi essencial para a criação de novas aldeias na região. Podemos afirmar o quanto foi difícil para nós, povos indígenas do sertão de Alagoas, conquistar e marcar nosso espaço. Esse processo exigiu não apenas esforço, mas também cooperação entre os diferentes grupos, com ações que fossem essenciais para a conquista e preservação de nossos territórios. Atualmente, nem todos os povos indígenas têm seus territórios demarcados. Muitos ainda lutam para conquistar seu espaço e poder afirmar que possuem um território oficialmente reconhecido, após muitas batalhas e atos de resistência.

4.1 GEOGRAFIA



Fonte: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/municipio-de-pariconha/resource/26feac42-8dde-4d33-8c16-f5fa850de005>

Este mapa geográfico a cima, mostra exatamente onde o povo Jiripankó está situado na zona rural do município de Pariconha – AL, no alto sertão de Alagoas. Segundo Gueiros (2017), a aldeia indígena é um pouco distante da zona urbana do município de Pariconha e está dividida em várias comunidades próximas denominadas: Ouricuri – o centro da sociedade Jiripankó, Piancó, Campinhos, Figueiredo e Pedrinhas.

Com base nas informações apresentadas por Gueiros (2017), existem outras localidades que também fazem parte da aldeia Jiripankó, como os povos circunvizinhos de Tabuleiro, Araticum, Capim, Poço da Areia, Rio Moxotó, Serra do

Engenho e Caraibeira dos Teodósios. Todos esses povoados mencionados contribuem para a grandeza de nossa população indígena Jiripankó. Alguns membros vivem na cidade de Pariconha-AL, enquanto outros residem na zona rural.

Gueiros (2017), afirma que:

Atualmente o aldeamento possui cerca de 2.400 membros que ocupam um território demarcado de 215 hectares de um total de 1.110 hectares delimitados. (BARBOSA, 2014). Esses membros criam animais como cabras, galinhas, ovelhas, perus, entre outros. A maioria dos homens trabalham no plantio da roça durante o inverno, quando o clima é favorável à agricultura. Em períodos de baixa pluviosidade, migram para outras regiões em busca de vender sua força de trabalho. Outros, possuem estabelecimentos comerciais como bares e lanchonetes em suas residências. (Gueiros, 2017, p.15).

A população indígena Jiripankó, por sua vez, carrega marcas de resistência desde tempos remotos. Muitos dependem da agricultura e da criação de animais, seja para fins comerciais ou para a própria subsistência. Essa realidade tem sido constante, especialmente quando as condições no sertão se tornam precárias. Nos momentos precários, Muitas pessoas são obrigadas a buscar outros meios de sustento e acabam deixando seus lugares de origem em busca de oportunidades para ganhar dinheiro e suprir suas necessidades. Algumas decidem abrir seu próprio negócio, passando a vender produtos e construir sua vida por meio do empreendedorismo. Ao comercializarem suas mercadorias, obtêm uma porcentagem sobre as vendas, o que se torna uma forma bastante comum de geração de renda nos dias de hoje.

A aldeia Jiripankó, composta por muitos habitantes, entende que, na maioria das vezes, é necessário buscar novos caminhos para melhorar de vida. O território Jiripankó, do ponto de vista geográfico, reúne diversos elementos naturais e culturais. Entre os naturais, destacam-se o solo do sertão e a vegetação típica da caatinga, que representam a identidade do nosso ambiente. Já entre os culturais, preservamos objetos, práticas e saberes tradicionais presentes em nosso cotidiano.

A partir da interação com a natureza, buscamos compreender as necessidades da nossa comunidade. A natureza desempenha um papel fundamental para os

indígenas, pois é nela que buscamos materiais essenciais, como ervas e madeira. A caatinga, portanto, é um recurso indispensável para nossa sobrevivência e cultura. Apesar das dificuldades enfrentadas, a escassez de chuvas nas áreas do sertão tem sido um fator agravante. Os nordestinos sofrem muito, pois precisam lutar diariamente: acordam cedo para alimentar os animais, fornecer água e ainda lidar com a degradação da vegetação, da qual dependem tanto os animais quanto os pássaros que habitam esse ambiente

Imagem 1: Vista da aldeia Jiripankó no sertão de Alagoas.



Fonte: de autoria própria (2025)

4.2 COSTUMES

Segundo Peixoto (2018), os Jiripankó possuem um enorme patrimônio cultural materializado em uma intensa prática ritualística composta por festas de agradecimentos, iniciação, pagamento de promessas, abertura e fechamento de ciclos, devoções e curas.

De acordo com Peixoto (2018), ao falar sobre as práticas e os rituais do povo Jiripankó, é importante destacar que esses costumes, entendidos como hábitos e práticas adotados por meio da convivência, representam uma forma de fortalecimento da nossa cultura. Cada aldeia possui seu modo particular de exercer determinadas funções e, nesse contexto, os rituais se configuram como uma maneira de agradecer às forças encantadas pela proteção e pela saúde.

Diante disso, os costumes, que representam as tradições de nosso povo, são conhecimentos transmitidos de geração em geração. Esses saberes tradicionais são preservados e conduzidos pelo pajé, o principal líder, que está sempre disponível para ensinar àqueles que desejam seguir a doutrina religiosa. Assim, as festividades e os rituais tornam-se elementos sagrados para a nossa comunidade.

Peixoto (2018, p. 110) afirma que:

O pajé é a figura central nessa discussão pela necessidade de através do universo do seu domínio explicar como o seu costume, tradição e ciência cosmológica definem a identidade do povo Jiripankó. Por isso, é necessário diferenciar dois momentos desse universo: o ritual e a festa. O primeiro momento, mais sereno e reservado, onde o líder religioso entra em conexão com o mundo sobrenatural e age a partir dos ensinamentos dos Encantados e, o segundo momento, menos formal, aberto ao público; marcado pela anunciação de uma graça, confraternização ou renovação do costume. Pode-se dizer que o ritual é sagrado e fechado e a festa é profana e pública.

O pajé é a figura central dessa discussão, pois é por meio de suas explicações e ensinamentos que orienta o povo de sua comunidade, incluindo crianças e jovens, além de atuar em questões de cura. Seu saber se materializa nas práticas e ações desenvolvidas a partir do conhecimento ancestral, e esses ensinamentos transmitidos contribuem diretamente para o fortalecimento da tradição. Como grande liderança, o

pajé é o principal líder religioso, conduzindo o povo nos momentos ritualísticos e nas festividades. Esses momentos representam uma oportunidade de conexão com as forças encantadas, nos quais se pedem bênçãos, a renovação dos costumes e a preservação das tradições.

Conforme Peixoto (2018), os rituais são cerimônias através das quais se atribuem virtudes ou poderes correspondentes à maneira de agir, aos gestos, às fórmulas e aos símbolos usados com a intenção de produzir determinados efeitos. É importante destacarmos a relevância dos rituais e das festividades em nossa comunidade, pois se consolidam e fortalecem os laços culturais por da reafirmação da idade cultural e da conexão com as forças ancestrais. Esses elementos partem de um princípio que evidencia o poder simbólico dos costumes praticados pelos indígenas. E se configuram como uma identidade de pertencimento a um grupo étnico, ou seja um conjunto de pessoas que compartilham características culturais e históricas que se origina através dos ensinamentos transmitidos pelo povo "Pankararu". Muitos desses saberes têm sua origem nessa etnia que então começou a se formar ao final do século XIX com Zé Carapina e Isabel, que vieram dos Pankararu para o sertão de Alagoas e, aqui, construíram sua história, permitindo que outras famílias também chegassem.

Os conhecimentos trazidos de Pankararu, como as crenças e saberes foram de extrema importância para a construção ética do povo Jiripankó, enraizando-se profundamente na cultura. Esses dons divinos, transmitido por grandes líderes que já partiram, mas que permanecem presentes nos rituais e festividades realizadas anualmente. Essas celebrações são manifestações culturais de grande importância, reunindo pessoas de diversos lugares e etnias que acompanham de perto. Trata-se de uma celebração marcada pela harmonia, realizada no terreiro, espaço onde ocorrem as danças e comemorações. Durante o evento, os praiás formam um círculo ao redor do terreiro, guiados pelas forças ancestrais que os conduzem nessa roda sagrada. Assim:

Nesse contexto, as expressões religiosas como o Toré, o Menino do Rancho e a Festa do Umu, ocupam um lugar privilegiado entre os Jiripankó e correspondem aos principais instrumentos de coesão social, que reforçam sua pertença étnica e a prática da reciprocidade e solidariedade grupal. Desse modo, as várias expressões religiosas externadas pelos Jiripankó, destacam a crença na presença dos Encantados e na sua ação sobre a vida cotidiana e tais divindades são

apresentadas como responsáveis pela existência indígena e pelo ordenamento do mundo. (Peixoto, 2018, p.122).

Sob esse ponto de vista, as expressões religiosas, como o Toré, o Menino do Rancho e a Festa do Umbu, são instrumentos de pertença e prática para o fortalecimento de nossa cultura. Entre as festividades, destacam-se a dança do Cansanção e a Puxada do Cipó, que também são manifestações religiosas praticadas pelo povo Jiripankó. Esses elementos religiosos exemplificam como reforçamos nossa identidade étnica e fortalecemos nossa tradição. Segundo Peixoto (2018, p. 122), “a realização de festas ou de rituais é uma ação que perpassa pela concepção de território e este é visto como primordial para a existência dos Jiripankó pois é nele que constroem o mundo real em conexão com o mundo sobrenatural”.

A realização de festas e rituais do povo Jiripankó reflete um processo de evolução e resistência, fortalecendo nossa identidade enquanto povo. Essas celebrações estabelecem uma conexão entre o mundo real e o sobrenatural, permitindo que revisitem toda a trajetória percorrida. É importante reconhecer e valorizar tudo o que enfrentamos para chegar onde estamos hoje, preservando nossas tradições e organizando nossos bens materiais, que também fazem parte desse legado cultural.

4.3 Conceito de Literatura Indígena

Segundo Peres (2018), o conceito “literatura” tomado pelos escritores indígenas não se restringe somente ao livro impresso, mas também envolve toda uma tradição ancestral.

A literatura indígena se materializa por meio das produções literárias criadas por autores indígenas, pertencentes aos povos originários. Essa literatura é permeada por valores e crenças, sendo a oralidade e a ancestralidade que fortalecem a cultura e a identidade indígena. No Brasil, há grandes escritores indígenas que se destacam nesse campo, como Daniel Munduruku³, Ailton Krenak⁴ e Eliane Potiguara⁵, Graça Graúna⁶ entre outros autores indígenas que integram esse cenário literário.

Por ser abrangente em relação aos gêneros literários, a literatura indígena contempla poesia, dança, romance, música, contos, cantos e narrativas orais — todos essenciais para a preservação e difusão de sua tradição oral. Esses elementos a tornam ainda mais rica e relevante no cenário cultural.

Conforme Graúna (2013, apud Melo Neto, 2021, p. 81), a literatura tem sido importante para o processo coletivo, nesse sentido:

A literatura é um dos meios privilegiados de construção mitológica coletiva como encruzilhada onde discursos e visões em conflito e competição se encontram e entram num equilíbrio muitas vezes precário e contraditório, a literatura constitui um lugar no qual diferentes valores, mitos, histórias e traduções estão sendo negociados.

Diante do que foi exposto por Melo Neto (2021) sobre o conceito de literatura, tem como foco a literatura de autoria indígena, percebemos que a citação acima reforça suas palavras. Segundo o autor, compreendemos que a literatura não é

³ Daniel Munduruku: natural de Belém do Pará, Daniel é o principal representante do seguimento literário indígena brasileiro. (Melo Neto, 2021)

⁴ Ailton Krenak é líder do povo Krenak, o escritor Ailton é um dos iniciadores do chamado Movimento Indígena Brasileiro de temática política. (Melo Neto, 2021)

⁵ Eliane Potiguara: escritora de origem paraibana, vive a muito tempo no Rio de Janeiro, uma das mais atuantes mulheres indígena no movimento. (Melo Neto, 2021)

⁶ Graça Graúna: escritora, doutora em letras e professora universitária, Graça é indígena do povo Potiguar. Mora em Pernambuco e atua como importante vínculo a luta das mulheres indígenas no Brasil. (Melo Neto, 2021)

apenas arte, mas também um instrumento de criação. Por meio dela, podemos identificar valores e narrativas orais fundamentais para a construção da identidade de um povo ou cultura. A literatura não é um espaço neutro, mas uma encruzilhada onde se cruzam discursos políticos, sociais e culturais. Além disso, constitui um espaço de negociação cultural, no qual as identidades são moldadas e as histórias são contadas e recontadas. A literatura possibilita a coexistência de diferentes visões de mundo, os elementos culturais aos quais nos referimos — valores, mitos e histórias — são constantemente negociados nesse espaço literário, contribuindo para a formação da literatura. É importante destacar que, por meio da literatura, temos a construção da identidade cultural de um povo, resistência, além de valorizarmos a oralidade que é a forma de se comunicarmos através da fala, a partir dela transmitimos os nossos saberes e conhecimentos.

Para Graúna (2013, apud, Melo Neto, 2021, p. 85), “Os aspectos intensificadores da literatura indígena contemporânea no Brasil remetem à auto-história de resistência, à luta pelo reconhecimento dos direitos e dos valores indígenas”.

A partir da citação de Graúna (2013), apresentada por Melo Neto (2021), observamos que a literatura indígena contemporânea se constitui, ao longo dos anos, como uma expressão viva de resistência. Ela nos apresenta uma tradição marcada por lutas, direitos conquistados e valores preservados, trazendo consigo uma rica bagagem de histórias que refletem a diversidade cultural dos povos indígenas.

Silva Filho (2022) explica:

Vale indicar que não é tudo na oralidade indígena que é literatura. Oralidade abrange diversos aspectos das sociedades indígenas. A literatura é um dos elementos em que a oralidade se permite manifestar. Assim, nem tudo pode ser registrado, narrado ou escrito como literatura (Silva Filho, 2022, p. 31).

O que podemos compreender a partir do ponto de vista de Silva Filho (2022) é que, ao nos referirmos à oralidade, estamos falando de uma forma de comunicação baseada na fala, por meio da qual transmitimos nossos conhecimentos. Sendo assim, nem tudo o que compõe a oralidade indígena pode ser classificado como literatura. Acreditamos que, por se tratar de uma cultura rica em elementos sagrados — como rituais, saberes ancestrais, cantos e memórias —, é necessário adotar um olhar mais

atento, respeitoso e criterioso para determinar se esses elementos simbólicos se enquadram como manifestações literárias.

Embora a literatura seja um dos campos nos quais a oralidade se expressa, é possível afirmar que nem todos os aspectos da cultura indígena estão diretamente relacionados a ela. Essa reflexão nos permite transitar pela oralidade dentro do nosso território cultural com mais sensibilidade, reconhecendo que nem tudo o que é registrado, narrado ou escrito deve, necessariamente, ser considerado uma expressão literária.

Sabemos o quanto a literatura indígena é importante, pois se trata de um campo literário que traz à tona escritores indígenas que contribuíram imensamente para esse movimento. Esses autores não apenas escreveram e divulgaram suas obras com base em suas vivências, mas também foram peças-chave na abertura de caminhos para que suas vozes fossem ouvidas.

É fundamental destacar que, por meio de suas produções, eles permitiram que o mundo os conhecesse e tivesse acesso às suas publicações, tornando-se grandes referências para novos leitores e pesquisadores. Portanto, é de extrema relevância reconhecer que a literatura indígena construída ao longo dos anos é fruto de resistência. A partir de suas vozes, esses autores se tornaram protagonistas de suas próprias narrativas, compartilhadas e fortalecidas através da convivência com seus povos originários e culturas.

5 FUNDAMENTOS E PERCURSO METODOLÓGICO

Análise Literária

Moisés (2007, p. 13-14) conceitua a análise literária como:

Quanto à análise, define-se como um processo de conhecimento da realidade que não é exclusivo de ciência alguma, nem mesmo de filosofia alguma, religião alguma ou arte alguma. Posto o quê, procuremos equacionar os fundamentos e a extensão da análise literária. O primeiro ângulo a iluminar é aquele em que análise literária confina com a crítica e a historiografia literária.

Quando nos referimos à análise literária, entendemos esse processo como o estudo detalhado das partes de um texto. Nesse contexto, conforme destaca Moisés (2007), a análise literária requer um olhar mais amplo e crítico, buscando uma compreensão profunda da obra examinada. Entre as obras que podem ser analisadas, destacam-se a prosa, os poemas, as poesias e as produções de autores modernistas.

É fundamental que o leitor, ao se dedicar à análise de uma obra, adote uma postura crítica, esforçando-se para compreender verdadeiramente o que ela representa. Além disso, é necessário identificar em que ponto o autor da obra poética se posiciona, conectando os conceitos críticos à perspectiva do leitor e à maneira como este interpreta a obra.

Na visão de Moisés (2007):

Desse modo, nenhuma análise literária, por mais brilhante e pormenorizada que seja, vale por si, precisamente porque lhe está vedado o poder de manipular juízos de valor, que constitui atributo da crítica literária. A análise fornece à crítica os dados indispensáveis a que ela exerça seu mister judicativo, mas nunca a substitui ou a dispensa (Moisés, 2007, p. 15).

Conforme aborda Moisés (2007), Com relação à análise literária, podemos identificar alguns termos importantes. O termo "pormenorizada" refere-se à forma como examinamos os detalhes de uma obra, ou seja, trata-se de uma leitura minuciosa e detalhista. Já o "poder de manipular juízos de valor" está relacionado aos

juízos que fazemos sobre a obra — é a maneira como organizamos e emitimos esses juízos dentro de uma crítica literária. Quando o autor afirma que a análise fornece à crítica os dados necessários, entendemos que, a partir desses dados, a crítica passa a exercer sua função de interpretação e avaliação. Dessa forma, percebemos que a crítica depende fortemente da análise para se fundamentar e desenvolver-se como um campo investigativo.

Uma análise literária exige muita atenção, pois, ao realizarmos a leitura de uma obra, é fundamental adotarmos uma visão interpretativa e investigativa, capaz de compreender e deduzir o que o autor desejou transmitir. Além disso, podemos identificar diversos elementos que nos ajudam a entender melhor o texto. Dependendo do tipo de obra analisada — conto, romance ou crônica —, teremos uma estrutura narrativa específica, na qual analisaremos o enredo, os personagens, o tempo, o espaço e o narrador. Não apenas esses elementos são importantes, mas também a linguagem utilizada pelo autor, que pode ser simples, formal ou informal.

Quando se trata de romances e contos, ou de qualquer outro gênero textual literário, podemos ainda observar o uso de figuras de linguagem, como metáforas, entre outros recursos estilísticos que são comuns nos textos literários.

Para frutificar, a análise literária pressupõe sempre uma teoria da literatura, por quanto sem ela conduz a nada, ou a superficialidades. Quer dizer: Ao defrontar-se com o texto, o analista há de estar munido da aparelhagem adequada a seu mister, mas ainda necessita apetrechar-se de uma sólida e cristalina fundamentação e, teoria e filosofia da literatura (Moisés, 2007, p. 20).

Segundo Moisés (2007) primeiro, a análise constitui, principalmente, um modo de ler, de ver o texto e de, portanto, ensinar a ler e a ver. Nessa perspectiva, é importante reafirmarmos que o analista parte de um pressuposto teórico. Esse processo não pode ignorar a necessidade de um olhar mais dinâmico e crítico para o objeto da análise. Assim, é essencial lermos a obra com atenção, buscando compreender os recursos linguísticos utilizados no texto e as impressões transmitidas pelo autor. Com base nesse aprofundamento crítico e investigativo, somos capazes de identificar as fundamentações e os argumentos utilizados para sustentar sua mensagem, construir sentidos e influenciar a interpretação do leitor.

Para iniciarmos uma análise literária, é fundamental identificarmos os elementos explícitos na obra, examinando a estrutura do texto. À medida que lemos, vamos percebendo como ele é organizado e qual o tipo de linguagem utilizada pelo autor. Esses recursos linguísticos enriquecem a obra e comunicam ideias de forma simbólica. Portanto, ao realizarmos a análise literária, precisamos também focar nesses elementos presentes no texto, compreendendo como contribuem para o significado geral.

Moisés (2007) afirma que:

A análise de um texto poético deve basear-se em sua essência, não em sua forma (entendida como sinônimo de métrica). Expliquemo-nos se a característica específica da poesia reside antes na visão própria que oferece da realidade que no fato de ser expressa em versos, sua análise há de implicar, sobretudo e em última instância, essa concepção do mundo (Moisés, 2007, p. 41).

Na análise de um texto poético, há particularidades que conseguimos identificar à medida que lemos e mantemos contato com o poema. Assim, ao analisarmos um texto poético, partimos da observação de sua estrutura e métrica, procurando identificar também a sonoridade das rimas. As rimas, por sua vez, podem ser classificadas em rima pobre e rima rica.

A rima pobre ocorre quando as palavras rimadas pertencem à mesma classe gramatical e apresentam sons semelhantes no final, como no caso de dois substantivos. Por isso, é considerada "pobre", pois não há grande variedade sonora entre os termos rimados.

Já a rima rica envolve palavras de classes gramaticais diferentes, como um substantivo rimando com um verbo ou adjetivo. Essa diversidade de classes torna a rima mais elaborada e interessante do ponto de vista linguístico, sendo, portanto, considerada uma rima "rica".

Por meio de um texto poético, como explicamos ao falar das rimas — sejam elas pobres ou ricas —, conseguimos, através da análise literária, distinguir também as sílabas poéticas ou métricas. Trata-se da maneira como contamos as sílabas nos versos do poema. Analisamos cada estrofe, observamos os versos e iniciamos a

contagem a partir da primeira sílaba tônica — aquela mais forte —, seguindo até a última sílaba tônica da última palavra do verso.

Essa análise literária deve ser conduzida sob uma perspectiva crítica, interpretativa e investigativa, permitindo-nos observar a que tipo de concepção o autor chegou. Em uma abordagem mais teórica, voltada ao que o autor expressa em sua obra, a concepção de mundo desempenha um papel essencial, pois é a partir dela que fundamentamos a forma como interpretamos e atribuímos sentido à realidade. Analisando como enxergamos o mundo e comparando os fatos identificados na obra com possíveis relações com o cotidiano em que vivemos. O leitor ao analisar a obra deve estar preparado para exercitar a capacidade de interpretação com foco nas conexões que ela estabelece com o mundo ao nosso redor.

Nesta pesquisa, fundamentada nas ciências da linguagem, área de nossa formação, compreendemos os cantos do Toré como práticas estéticas e culturais que expressam e fortalecem a identidade dos Jiripankó, assim como de diversos outros povos indígenas. Reconhecemos que os cantos entoados no Toré cantado se constituem como poemas, não no sentido da literatura canônica ocidental ou da ficção, literário no sentido do som, da temática, da abordagem. mas enquanto produções poéticas ancoradas na oralidade, na musicalidade, na temática simbólica e na relação com o território. Analisar esses cantos do toré nos permitiu acessar camadas profundas de significado, ampliando a compreensão dos elementos simbólicos e de crenças que compõem a identidade Jiripankó. Ao mesmo tempo, essa abordagem reafirma nosso compromisso com os estudos da linguagem e da literatura, valorizando expressões que desafiam os limites dos modelos hegemônicos e ampliam nosso entendimento do que é o literário.

5.1 OS CANTOS DO TORÉ DA ETNIA JIRIPANCÓ DE PARICONHA - AL

O toré é a manifestação de alegria da comunidade, uma vez cantado, se for novo demora um pouco para que todos conheçam e depois todas as gerações cantam. Homens e mulheres podem cantar, geralmente em conjunto, não tem problema algum cantar enquanto outros cantam. É cantado em círculo no sentido anti-horário com o/a contador/a no centro da roda.

Os torés são muitos, por isso nunca chegamos a uma quantidade exata de quantos existem no momento. Além disso, podem ser cantados por outros povos do sertão, não ficando restritos a um único povo. Todas as aldeias também podem entoá-los. Assim como: Os toantes são cantados por homens e mulheres zeladores de praiás⁷, de acordo com o que vem na lembrança no terreiro. Às vezes podem cantar em dupla ou em trio, geralmente acontece na festa do umbú⁸ e menino do rancho⁹. Somente no domingo à tarde durante a ida para queima do cansanção¹⁰ cantam no coletivo rumo ao terreiro. Durante as celebrações cantam um toante específico para ir pegar o prato, ou almoço, os indígenas só podem comer quando os praiás abençoam o prato principal oferecido aos encantados, e dão o grito, é sinal que o povo pode comer.

⁷ Os Praiás são representados como o centro do Sagrado Religioso Indígena, ele é uma representação da divindade, é o encantado que recebe um nome, incorporado simbolicamente por um ser vivo para representá-lo com vestimenta própria e única. Representa o material do mensageiro chamado também de Espírito Encantado. Por SILVA, Ana Cláudia da. (2015).

⁸ Festa do umbu ou flechamento do umbu, rito festivo acontecido todos os anos, quando é encontrado o primeiro Umbu maduro na mata. O Pajé faz uma reunião com as principais pessoas da comunidade, os donos do Praiás, os moços, e outras lideranças, para poder planejar o flechamento que inicia na noite de sábado e termina na tarde do domingo. SILVA, Ana Cláudia da. (2015).

⁹ Menino do rancho ou ritual do menino do rancho é realizado como pagamento de promessas. Acontece quando uma criança precisa se curar de algum problema sério de saúde. SILVA, Ana Cláudia da. (2015).

¹⁰ Queima do cansanção é uma forma de agradecimento ou pagamento de promessa ao encantado por uma graça alcançada. Os restos dos galhos são colocados no centro do terreiro e os Praiás pisam em cima até os galhos ficarem totalmente destróçados. SILVA, Ana Cláudia da. (2015).

A escolha dos cantos se deu principalmente por serem elementos fundamentais da cultura indígena e dos momentos tradicionais. Como já mencionado anteriormente, eles carregam ancestralidade, espiritualidade, crenças e valores que caracterizam a identidade do povo Jiripankó, mantendo vivas e fortalecidas suas tradições culturais.

5.1.1 Canto 1

“ Lá na baixa do boi

Ao amanhecer do dia

Eu ouvi zabelê cantar

respondeu o Juriti”.

5.1.2 A estrutura

O Canto 1 é um poema breve, composto por uma estrofe de quatro versos. No entanto, sua estrutura não apresenta rimas. Podemos identificar, na estrofe, sílabas poéticas, e, com base nessa análise, afirmamos que se trata de uma rima pobre, pois não há repetições de sons que caracterizem uma rima rica. Vejamos a seguir a estrutura, separando as sílabas poéticas.

Lá / na / bai / xa / do / boi	6 sílabas poéticas
Ao-a / ma / nhe / cer / do / di-a	6 sílabas poéticas
Euou / vi / za / be / lê / can / tar	7 sílabas poéticas
Res / pon / deu-o / Ju / ri / ti	6 sílabas poéticas

Dando sequência à análise, apresentamos o seguinte esquema rimático. Ao considerarmos a escansão das sílabas poéticas, observamos que alguns versos da estrofe contêm palavras que formam apenas uma sílaba, conforme o recurso métrico da sinalefa que ocorre quando a vogal final de uma palavra se une à vogal inicial da palavra seguinte, resultando em uma única sílaba poética. Esses versos são representados pelas letras A, B, C e D, o que indica a ausência de rimas; ou seja, trata-se de uma rima livre.

5.1.3 Os símbolos do canto

a) “ Lá na baixa do Boi”

Conforme as análises realizadas e entrevista conduzida com Cícero Pereira e Evisom Wyrakitã¹¹, ambos lideranças e membros da aldeia Jiripankó, o objetivo da pergunta feita a eles era: Qual a origem destes cantos do toré e sua história?, com destaque especial para o significado da expressão "Lá na baixa do boi".

É um toré Pankararu, na verdade a gente já aprendeu com eles lá. Provavelmente seja um local específico do território Pankararu, onde lembra a passagem dos ancestrais, os torés são na verdade trazidos por nossos encantados, os nossos ancestrais, e assim a comunidade aprende. Então são vários torés, alguns deles são cantados por nós, enquanto indígenas feitos, é composto por nós, mas a maioria, tanto de Jiripankó quanto dos Pankararu, são dos nossos encantados, ou seja, são trazidos pela nossa cosmovisão, e através da nossa espiritualidade. (Evisom Wyrakitã, 2024).

O cântico do toré “Lá na baixa do boi” faz referência a um local sagrado e simbólico para o povo Pankararu. No entanto, também pode ser compreendido como um ambiente rural, caracterizado por uma planície de pastagens e por um fenômeno geológico. Trata-se de um toré cantado pelo povo indígena Jiripankó, que foi aprendido com o povo Pankararu e trazido para nossa aldeia. Esses cânticos carregam uma compreensão espiritual e ancestral, refletindo a cosmovisão de nosso povo.

Segundo Cícero Pereira (2024)¹², em entrevista concedida ao autor, para que possamos compreender o sentido do toré falado, é importante analisar a visão cosmológica e espacial. Considerando que os nossos locais de vivência e rituais são sagrados, esse toré é uma reverência a um espaço ritual.

¹¹ Evisom Wyrakitã, liderança, cantador, presidente do CONDISI-AL/SE Conselhos distritais de saúde indígena, também atua como professor na Escola Estadual Indígena José Carapina, formado em pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL e criador do grupo tonã toá, o coletivo de juventude tonã toa de cultura e tradição jiripankó.

¹² Cícero Pereira dos Santos além de ser uma liderança é cantador e atua como professor na Escola Estadual Indígena José Carapina, é formado em história pela Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL.

b) “Ao amanhecer do dia”

Diante das análises sobre o segundo verso da estrofe “Ao amanhecer do dia”, percebe-se uma reverência à transição entre a noite e o dia, um momento em que muitas pessoas se reúnem ao redor do terreiro. É nesse contexto que ocorrem os rituais, em contato com as forças encantadas, invocadas no território sagrado com o objetivo de pedir proteção e renovação para o povo, buscando uma vida mais harmoniosa.

c) “Zabelê” e “Juriti”

Com relação às aves mencionadas no cântico, “Zabelê¹³” e “Juriti¹⁴” são consideradas nativas e sagradas para os povos indígenas do sertão. Essas aves simbolizam a cultura e os princípios relacionados à cosmovisão. Seus cantos estabelecem uma conexão com o mundo espiritual e com a natureza em que habitam, o que lhes confere um valor simbólico para o povo Jiripankó. Os cantos dessas aves, belos de se ouvir, são como uma brisa suave, transbordando paz e harmonia.

Imagem 2: O zabelê



Fonte: <https://www.passaro.org/zabele/>

Imagem 3: O juriti



Fonte: <https://www.passaro.org/juriti-pupu->

¹³ O zabelê é uma ave sagrada para os povos Indígenas do sertão, Essa ave foi extinta e já não é mais vista nos tempos atuais devido às ações humanas, como a caça predatória, o desmatamento de áreas e outras intervenções ambientais.

¹⁴ O juriti também é uma ave sagrada para os povos indígenas. Esse pássaro é frequentemente visto no dia a dia, e muitas pessoas acabam capturando-o na natureza para criá-lo em gaiolas, por admirarem o seu canto.

5.2. As crenças

O cântico do toré mencionado promove uma reflexão sobre o respeito às forças espirituais e à natureza, despertando saberes e a cosmovisão indígena. O toré, como elemento sagrado, é muitas vezes cantado pelo povo na presença do sagrado e em contato com o terreiro. Sua oralidade torna-se, cada vez mais, uma prática de incentivo pedagógico, na medida em que contribui diretamente para a preservação dos valores e saberes tradicionais, além de favorecer o desenvolvimento da escuta e a construção do conhecimento. Quanto mais ouvimos cantar, mais os memorizamos, servindo como uma iniciação didática para os jovens. Esses cânticos estão associados ao mundo espiritual, e as aves mencionadas neles representam crenças, paz e harmonia. Seus cantos, alegres e distintos, simbolizam a animação da natureza e reforçam essa conexão espiritual.

5.2.1 Canto 2

Tô cantando esse toré

Para menino, homem e mulher

O de quem esse toré?

É de Maria chulé.

5.2.2 A estrutura

O Cântico 2 é composto por uma estrofe de quatro versos curtos, na qual identificamos rimas. Podemos perceber que, na maioria das vezes, não pronunciamos a palavra "**mulher**" com o som forte da consoante "**R**" no final; geralmente falamos "**mulhé**", com a vogal "**E**" tônica, como se houvesse um acento agudo. Diante dessa variação na pronúncia, é importante afirmar que, nesse caso, "**mulhé**" rima com "**chulé**". Aqui, temos o substantivo comum feminino "**mulher**" e o substantivo próprio "**Chulé**", que funciona como apelido ou sobrenome de Maria. Considerando essa análise, observamos uma rima rica, pois envolve palavras de classes gramaticais diferentes. Essa riqueza se dá justamente pela mudança de som e pronúncia relacionada ao termo "**mulher**".

Tô / can / tan / does / se / to / ré	7 sílabas poéticas
Pa / ra / me / ni / no / ho / me / me / mu / lher	9 sílabas poéticas
Ode / quemes / se / to / ré	5 sílabas poética
Éde / Ma / ri / a / chu / lé.	6 sílabas poéticas

Com relação ao esquema rimático, identificamos a estrutura A, B, C, B, com rimas presentes no segundo e no quarto verso. Isso caracteriza o poema como possuidor de rima rica. Ao darmos continuidade à escansão dos versos e à contagem das sílabas poéticas, percebemos que algumas palavras se uniram em um único som, formando apenas uma sílaba poética. Esse fenômeno ocorre devido à sinalefa, que faz com que duas vogais, uma no final de uma palavra e outra no início da seguinte se unam na pronúncia, resultando em uma única sílaba métrica.

5.2.3 Os símbolos do canto

1 Toré

O toré é um elemento sagrado para os povos indígenas do sertão e de diversas outras regiões. Ele não se limita a simbolizar um cântico, mas integra um processo ritualístico que envolve dança, música e espiritualidade. Partindo desse pressuposto, ao analisarmos os cânticos dos *torés*, percebemos a presença das forças superiores ao redor do terreiro sagrado, espaço onde realizamos nossas obrigações e cumprimos promessas.

De acordo com, Reesink (2000), o Toré é uma dança ou, mais amplamente, um ritual que se encontra disseminado entre quase todos os povos indígenas que habitam a região etnográfica do Nordeste brasileiro (do Norte da Bahia até o Ceará).

Percebemos que não há um consenso sobre a definição de toré, pois existem diversas formas de compreendê-lo. Nenhuma dessas interpretações é errada, única ou superior às demais, uma vez que utilizamos diferentes noções para definir o toré. No entanto, adotamos a ideia de que o "canto do toré" não é apenas uma parte, mas também uma representação simbólica do próprio toré.

2 Menino, Homem e Mulher

Os três elementos representados no Cântico 2 — "Menino" e "Homem", do gênero masculino, e "Mulher", do gênero feminino — formam juntos uma tríade. Isso evidencia, conforme as análises realizadas, a participação e a inclusão de todos nos rituais. Com base nas hipóteses levantadas. Os povos indígenas que participam dos momentos ritualísticos ocupam um espaço legítimo e respeitado nessas práticas culturais, por meio de um reconhecimento que garante e reafirma seu caráter coletivo e inclusivo. O *toré* é um elemento integrador que reúne todos os membros da comunidade para participar e observar, tornando-se também um espaço de diversão e brincadeiras.

3 Maria chulé

A expressão "Maria Chulé", conforme as análises e entrevistas realizadas com lideranças do povo Jiripankó, Maria chulé foi uma grande liderança para o povo Pankararu, localizado em Brejo dos Padres, Pernambuco. De acordo com as informações do entrevistado Cícero Pereira¹⁵, Maria chulé desempenhou um papel de extrema importância para o povo Pankararu.

Maria chulé foi uma líder cabeça da tradição Pankararu, um destaque importante na reestruturação do ritual unificado Pankararu. Maria Chulé é a referência do território no contexto da Tapera na linha de frente junto com outras mulheres, Maria Pedro, Maria Calu, Guida Caipira, Vicensa, Vitalina e Chica Gonzala, Glória Gabão, Chica Nicácia entre outras. Que destaca a força da mulher Pankararu nesse espaço importante da religião, muitas vezes ocupado especialmente por homens. A mulher é a cabeça que organiza o cântico, a polifonia cultural para distribuir aos homens que o executam, mas essa afirmação não é regra geral para todos os povos. Então esse *toré* de Maria chulé, cantado pelo povo Pankararu e Jiripankó, é uma homenagem a esse grande espírito (Cícero Pereira, 2024).

A mulher desempenha um papel fundamental dentro de uma comunidade indígena. São verdadeiras guerreiras que lutam diariamente, marcando presença ativa nas obrigações e rituais, atuando na linha de frente junto com outras lideranças. Observamos o quanto são protagonistas e líderes em suas comunidades. Um exemplo disso, Maria Chulé, que foi uma importante referência para o povo Pankararu,

¹⁵ Entrevista realizada com Cícero Pereira dos Santos no dia 10/12/2024

é lembrada no cântico como forma de homenageá-la por sua luta constante em defesa de seu povo. Junto a outras mulheres que também estiveram na vanguarda, Maria Chulé simboliza a força e a coragem da mulher indígena na busca pelo bem-estar de seu povo.

Quando uma mulher assume o papel de liderança, isso demonstra o poder significativo que ela exerce na cultura indígena, sendo guardiã de um vasto conhecimento que é transmitido às futuras gerações. Além disso, a mulher também participa do toré – uma prática tradicional muitas vezes realizada por homens, mas que elas também dominam, evidenciando o talento e a importância das mulheres na preservação e perpetuação das tradições de seu povo.

5.3 As crenças

As crenças presentes no canto 2 refletem a transmissão da oralidade, dos saberes e conhecimentos de uma grande líder do povo Pankararu, Maria Chulé, que é uma referência para sua comunidade. Observamos também a forte conexão com o sagrado, as forças ancestrais e os princípios culturais, evidenciando todo o processo de união e igualdade entre os participantes do ritual. Os nomes mencionados - menino, homem e mulher – representam a inclusão de todos nos momentos de tradição. Essa coletividade dentro da comunidade contribui para a preservação do patrimônio cultural, como o cântico do toré e o ritual, que são marcas identitárias do povo Pankararu, profundamente enraizadas em seus solos sagrados.

5.3.1 Canto 3

Meu Deus que aldeia é essa?

Que nunca andei aqui

Aldeia Jiripankó

Nascida no Ouricuri.

5.3.2 Estrutura

O Canto 3 apresenta uma estrofe composta por quatro versos. Percebemos, nesse cântico, a presença de rimas e também de sílabas poéticas. Com base na análise que realizamos, identificamos uma rima rica, pois há um advérbio de lugar – "aqui" – que certamente rima com o substantivo "Ouricuri", ambos fazendo referência ao espaço físico. Sendo assim, a estrutura deste cântico, considerando a escansão dos versos e a sinalefa – que determina a junção de palavras em uma única sílaba poética –, fica organizada da seguinte forma:

Meu / Deus / queal / dei / aé / es / sa?	7 sílabas poéticas
Que / nun / caan / dei / a / qui	6 sílabas poéticas
Al / dei / a / Ji / ri / pan / kó	7 sílabas poéticas
Nas / ci / da / nou / u / ri / cu / ri.	8 sílabas poéticas

Neste caso, o esquema de rimas será A, B, C, B, em que o segundo verso rima com o quarto. Dessa forma, temos uma rima rica entre as palavras "aqui" e "Ouricuri".

5.3.3 Símbolos

1 Aldeia

É um espaço sagrado e simbólico para o nosso povo, no qual estão presentes nossas impressões identitárias. Trata-se do território ancestral, onde se manifestam nossas expressões culturais. A palavra "Aldeia" tem um significado profundo para os povos indígenas e, quando nos referimos a esse ambiente sagrado, emergem elementos como nossas crenças e identidades coletivas, que estão intrinsecamente inseridos nesse contexto.

2 Jiripankó

O nome dado à aldeia, assim como todo o processo histórico, reflete a ancestralidade do povo Jiripankó, que dá forma à nossa construção étnica. O nome passou por várias variações ao longo do tempo e carrega o peso de uma história marcada por muitas

lutas. Foram batalhas significativas para que pudéssemos nos autodenominar e reconhecer este espaço como território, que chamamos de Aldeia Jiripankó.

3 Ouricuri

É um lugar que foi autodenominado a partir de uma mulher chamada “Maria Ouricuri” e das muitas plantas que cresciam ao redor de uma fonte, conhecida como Fonte do Ouricuri. Essa fonte era cercada por essas plantas típicas, chamadas ouricuri, que acabaram caracterizando o local. O ouricuri, planta típica do sertão, é extremamente sagrado para nós, indígenas. Frequentemente, colhemos seus frutos para as festividades da comunidade, enquanto suas palhas são utilizadas na construção e reforma de ocas, entre outros usos. Esse lugar carrega grande importância para o povo Jiripankó, pois concentra símbolos e expressa toda a nossa cultura.

4 Meu Deus

A expressão “Meu Deus” é uma referência à divindade espiritual e cristã presente em nossa cultura. Sempre pedimos forças a Deus e aos encantados para nos mantermos firmes. Essas crenças indígenas permanecem profundamente enraizadas em nossa comunidade. O mundo espiritual está ligado tanto ao catolicismo quanto à cosmovisão indígena. Embora muitos sigam o catolicismo, isso não significa abandonar as crenças tradicionais da cosmovisão indígena. Muitos de nós preservamos as tradições da comunidade, recorrendo, primeiramente, a Deus e às forças encantadas para nos concederem saúde, sabedoria e proteção. É por meio dessas crenças que continuamos a nos fortalecer a cada dia.

6 Crenças

Neste canto do toré, as crenças mencionadas nos versos da estrofe ressaltam a importância da religiosidade, do sincretismo religioso e do respeito ao sagrado, além de expressarem identidade e pertencimento. Ao se referirem aos nomes Jiripankó, Meu Deus, que aldeia é essa? e ouricuri, despertam a curiosidade em compreender seus significados. Apesar de ser um cântico criado e entoado pelo povo Jiripankó, a presença constante desses elementos nos leva a refletir sobre seu papel e

simbolismo. Para nós, indígenas da comunidade, preservar as tradições é essencial. Esse cântico reverencia o mundo espiritual, que é parte integrante dos momentos ritualísticos. É convivendo com as crenças e com a cultura que vamos compreendendo o real significado dessas palavras no cântico, pois elas possuem um valor profundo para os Jiripankó. Esse canto, expressão musical de caráter poético criado por esse povo, representa a construção étnica e todo o processo de luta que fundamenta os princípios religiosos da nossa comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos cantos do toré, identificamos características que refletem a geografia dos povos indígenas do sertão, especialmente do povo Jiripankó, localizado na zona rural do município de Pariconha-AL. Essa pesquisa, fundamentada na área das Ciências da Linguagem dentro de nossa formação em Licenciatura Intercultural Indígena, teve como foco analisar e catalogar os cânticos do toré como representação da identidade cultural do povo Jiripankó. Ao longo do estudo, constatamos que esses cânticos carregam em seus versos símbolos e crenças que fortalecem nossa identidade e reafirmam nossa ancestralidade. Além de sua estrutura poética, os cantos do toré se configuram como uma manifestação da literatura indígena, permitindo uma compreensão mais profunda de sua dimensão sagrada e religiosa.

Este estudo, de natureza qualitativa, buscou compreender a relação entre os elementos culturais e simbólicos dos cantos do toré e sua expressão literária. Com base em entrevistas realizadas com lideranças da comunidade, percebemos a força de nosso povo, aguerrido e batalhador, responsável pela preservação de sua tradição ancestral, mantida viva e fortalecida no dia a dia.

A pesquisa permitiu aprofundar os conhecimentos sobre a poeticidade presente nos cantos, evidenciando como a transmissão de saberes ocorre por meio da entonação e da sacralidade dessas expressões culturais. A partir do trabalho investigativo, compreendemos melhor a relação entre os cânticos, seus símbolos e as crenças praticadas pelo povo Jiripankó.

Por fim, consideramos que as informações reunidas neste trabalho contribuirão significativamente para nossa formação acadêmica, além de representar um compromisso com a valorização da tradição do povo Jiripankó. Cada dado registrado aqui é de extrema relevância e carrega consigo a história de luta, esforço e coragem de nossa comunidade diante dos desafios enfrentados ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: CONCEITOS INTRÍNSECOS E INTERDEPENDENTES. *L*, [s. l.], 2012. DOI SSN 2179-3948. Disponível em: revista. Acesso em: 6 mar. 2025.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 35-42, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572011000100004>.

FREITAS JUNIOR, Miguel; PERUCELLI, Tatiane. CULTURA E IDENTIDADE: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. *C*, Campo grande/Ms, v. 2, p. 111-133, 31 dez. 2019.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Cultura indígena: no nordeste em panorama1. **Ariús**,: Revista de Ciências Humanas e Artes, Campina Grande,, v. 14, p. 20-28, 1 jan. 2008.

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares. **OS JIRIPANKÓ E O RITUAL MENINO DO RANCHO**:: cosmologia, identidade e memória indígena. 2017. 74 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Estadual de Alagoas – Uneal Campus III Palmeira dos Índios, Palmeiras dos Índios, 2017. Cap. 3.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/municipio-de-pariconha/resource/26feac42-8dde-4d33-8c16-f5fa850de005>

MELO NETO, Moisés. **Literatura de autoria indígena**: no Brasil e representação do índio em outras literaturas e artes. Casa amarela- Recife - PE: Libertas, 2021. 124 p.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *S*, [s. l.], 23 nov. 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000200010>. Disponível em: revista. Acesso em: 5 mar. 2025.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007. 16. reimpr. da 1. ed. de 1969. ISBN 978-85-316-0011-1.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Minha identidade é meu costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas. 2018. 205f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

PERES, Julie Stefane Dorrico. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura, Alteridade – Igarapé*, Porto Velho (RO), v. 5, n. 2, p. 107–137, 2018.

REESINK, Edwin. *O segredo do sagrado: o toré entre os indígenas do Nordeste*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

SANTOS, Cícero Pereira dos. Território e identidade: processo de formação do povo indígena Jiripancó, Palmeira dos Índios: UNEAL, 2015. (Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em História).

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. ISBN 85-11-01110-2 1. Cultura 1. Título. II. Série

SANTOS, Pedro Lôbo dos; SILVA, Eduardo Dias da. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA COMO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS POTIGUARA DA PARAÍBA/BRASIL - CONSIDERAÇÕES INICIAIS. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [S.L.], v. 60, n. 1, p. 105-113, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/010318139570411520210311>.

SILVA FILHO, Joel Vieira da. *Narrativas ancestrais de Auritha Tabajara e Eliane Potiguara: memória, cosmovisão e polifonia nas literaturas indígenas*. 2022. 163 f.: il. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura: Estudos Literários) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Maceió, 2022.

SILVA, Edson Hely. ÍNDIOS NO NORDESTE: por uma história socioambiental regional. **Cadernos do Ceas**: Revista crítica de humanidades, [S.L.], n. 240, p. 117, 14 jul. 2017. Universidade Católica de Pernambuco. <http://dx.doi.org/10.25247/2447-861x.2017.n240.p117-136>.

SILVA, Rita de Cassia da. Uma reflexão sobre o trabalho docente a partir da análise do conceito de crenças. **Psicologia**: Ciência e Profissão, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 6-13, jun. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932003000200003>.